



AS BUROCRACIAS SINDICAIS DA COEDUC E DO FÓRUM DE ENTIDADES ESTÃO SUBORDINADAS AO SUCATEAMENTO, À PRECARIZAÇÃO E À PRIVATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DO FUNCIONALISMO PÚBLICO

Boletim nº 26 13/05/2025



Desde o início da greve, a Unidade Independente Classista e Combativa alertou sobre a necessidade de se romper com o método da greve pacífica, aquela de vigílias intermináveis diante do parlamento, ou novamente seguiríamos para a derrota. As experiências acumuladas desde a luta contra a reforma da Previdência (sampaprev) têm comprovado na prática que a pressão parlamentar não é campo de disputa dos trabalhadores, portanto, era necessário construir uma greve unitária e radicalizada, o que significava acreditar apenas na força coletiva do funcionalismo público, utilizando os métodos próprios da classe, a ação direta (bloqueios de grandes vias, ocupações, piquetes, etc).

As experiências das greves sanitária e contra o SAMPAPREV 2, em 2021, nas quais os setores independentes e mais combativos da base tomaram o protagonismo das direções, enquanto elas estavam encasteladas, fizeram com que os burocratas das entidades da Educação, que hoje compõem a COEDUC, aumentassem mais ainda seu controle sobre as instâncias deliberativas dos sindicatos, buscando recuperar sua influência sobre a organização dos trabalhadores da educação, e se construir como alternativas viáveis dentro da lógica democrático/parlamentar para as eleições.

Para isso, desde o ano passado, adotaram métodos que abandonam por completo a independência de classe, desviando os trabalhadores para a via eleitoral. Em 2025, intensificaram estratégias para quebrar a disposição de luta: mantiveram o calendário de outubro/2024, ignorando a aprovação da Lei 18.221/24; manipularam a assembleia de 18/03, impondo paralisações regionais que atendiam às exigências governamentais de não prejudicar o atendimento aos estudantes - uma clara conciliação que restringe o direito de greve; e acabaram por limitar a greve ao envio do PL de reajuste, reduzindo a luta à pressão parlamentar, e convertendo a greve em meras 'paralisações' nos dias de assembleia. Esse método de só "paralisar" nos dias das assembleias foi melhor assimilado pela categoria após a organização das paralisações regionais sem greve, ou seja, a responsabilidade pela assimilação deste método, de quebra da greve, também é de responsabilidade das direções sindicais. Nesta greve, a democracia operária foi totalmente destruída: nenhuma alternativa foi discutida, e as próprias deliberações das assembleias foram descaradamente ignoradas pelas direções, que as alteravam conforme o calendário da Câmara.

Dentre os 12 dias de efetiva paralisação, excluindo as assembleias precedentes e os esdrúxulos atos regionais, em menos da metade da cidade foi possível organizar os comandos regionais e visitar as unidades escolares e demais equipamentos, para discutir com os trabalhadores não grevistas sobre o movimento, em todos os outros dias estivemos em vigília e/ou passeando pelo centro em passeata, que de forma alguma fechava as vias mais importantes de circulação; porém, foi possível identificar como o trabalho dos comandos regionais é efetivo em organizar a luta a partir dos locais de trabalho.

Com o engessamento da luta, os trabalhadores da educação e de todo o funcionalismo - patrocinados pelas burocracias sindicais que compõem a COEDUC e o Fórum de Entidades - foram isolados e vilipendiados pelos parlamentares governistas, podendo acompanhar ao vivo e inertes o show de humilhações e difamações em frente à Câmara Municipal. Agora, junto à derrota econômica, amargamos uma derrota política histórica, uma derrota que atua diretamente na moral da classe e contribui enormemente para a deslegitimação da greve como método histórico de luta.

O desfecho da greve deste ano não se difere dos anos anteriores, em que tanto as burocracias quanto a maioria dos setores ditos de oposição, que compõem a direção minoritária do SINPEEM, se utilizam das migalhas apresentadas no protocolo do governo, para esconder a derrota. Apegam-se às migalhas, em especial na negociação da reposição dos dias parados, para criar a imagem de uma suposta “vitória parcial”, que tem como único objetivo acobertar a traição das direções sindicais. Um exemplo concreto dessa ilusão da vitória parcial se dá justamente em torno da negociação dos dias parados, que, pelo terceiro ano consecutivo, persiste após o protocolo de negociação, com a incerteza sobre o desconto ou não anterior à reposição. O governo cria propositalmente essa confusão, porque sabe que parte dos diretores irão assimilar a ideia da punição aos grevistas. E as direções assistem passivamente a essa confusão, deixando que se aplique a política do governo.

No ano de 2026, as burocracias estarão totalmente dedicadas ao processo eleitoral, tentando de toda forma capitalizar suas traições, transformando-as em votos, assim como o será em 2028. Nossa tarefa é romper com essa dinâmica de acúmulo de derrotas, rompendo com essa lógica parlamentar cada vez mais incutida nos nossos sindicatos, para isso, é urgente que se combatam essas burocracias sindicais, há tempos encasteladas em seus aparatos, e que capitalizam as derrotas que elas mesmo orquestram.

Neste sentido, é preciso compreender que, diante da estatização dos sindicatos, a possibilidade da vitória das reivindicações da classe depende da disposição de luta da categoria de passar por cima dessas direções pelegas e traidoras, que são obstáculos reais à luta de classes, e impulsionar a luta por nossas reivindicações a partir dos métodos da ação direta, o que significa confiar apenas na força coletiva dos trabalhadores. Se não houver essa disposição, a categoria continuará amargando derrotas, até recuperar suas forças e se levantar novamente, com independência de classe, contra as ofensivas dos governos e patrões, que precarizam cada vez mais as condições de trabalho e salário dos servidores e demais funcionários, destruindo as conquistas trabalhistas e sucateando o atendimento ofertado à população, que depende da escola pública e dos demais serviços públicos.

Abaixo as burocracias sindicais! Pela recuperação da greve como método de luta histórico e radical! Por um sindicato Independente, Classista e Combativo

UNIDADE INDEPENDENTE, CLASSISTA E COMBATIVA



PPRI
Partido Proletário
Revolucionário
Internacionalista



INDEPENDENTES